

TRUE CRIME

TRUE CRIME

TRUE CRIME

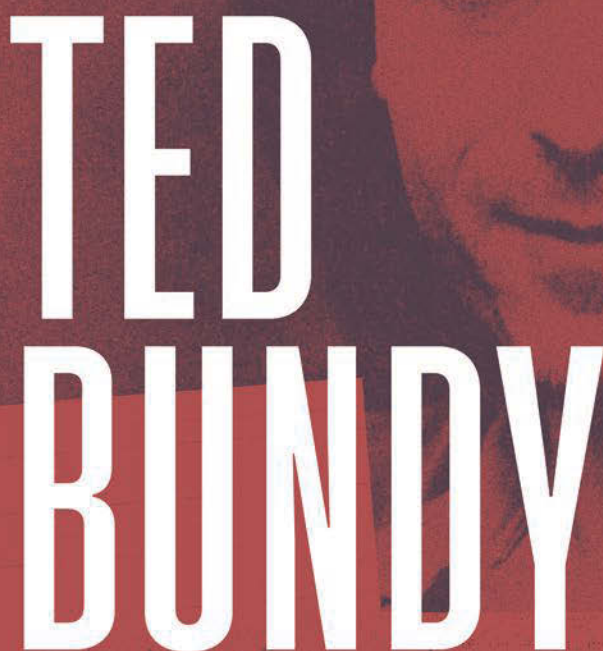
TRUE CRIME

TRUE CRIME

TRUE CRIME

ANN RULE

**BESTSELLER DO
NEW YORK TIMES**



TED BUNDY

UM ESTRANHO A MEU LADO

A HISTÓRIA DEFINITIVA DO ASSASSINO EM SÉRIE



COLEÇÃO PENGUIN TRUE CRIME

Nota da Editora

As histórias reunidas nesta coleção não são fruto da imaginação. Os acontecimentos, as vítimas, os autores e as consequências que encontrará nestas páginas têm origem em factos reais — episódios trágicos que marcaram vidas concretas e deixaram marcas duradouras.

Ao publicarmos estes livros, não procuramos transformar o sofrimento alheio em espetáculo nem alimentar qualquer fascínio pelo crime. O nosso propósito é outro: compreender. Compreender os factos, os contextos e as escolhas que podem conduzir ao pior da condição humana, e reconhecer os sinais que, tantas vezes, só se tornam evidentes quando já é tarde de mais.

Estas páginas não oferecem lições simples nem respostas definitivas. Mas acreditamos que o conhecimento pode tornar-nos mais atentos, mais conscientes e, dentro do possível, mais preparados para antecipar situações de risco e agir perante elas.

Que esta coleção seja lida como um exercício de memória e de reflexão. E que a realidade aqui retratada sirva, acima de tudo, para reforçar uma convicção simples: o sofrimento, a violência e a crueldade deixam sempre um rasto de destruição, e nunca devem ser vistos como exemplo, inspiração ou entretenimento. Nenhum ato de agressividade, coação, barbaridade ou abuso merece ser repetido, imitado ou justificado.

Porque conhecer o mal não significa admirá-lo. Significa, antes, reconhecê-lo para melhor o evitar.

*Os nomes de alguns indivíduos nesta obra foram alterados.
Esses nomes são indicados por um asterisco (*)
na primeira vez que surgem na obra.*

Agradecimentos

Tive a felicidade de contar com o apoio de muitas pessoas e organizações na redação desta obra. Sem a sua ajuda e apoio emocional, teria sido impossível, e gostaria de lhes agradecer. São elas: Comissão de Amigos e Famílias de Vítimas de Crimes Violentos e Pessoas Desaparecidas; Unidade de Crimes Contra Pessoas da Polícia de Seattle. Unidade de Crimes Graves da Polícia do Condado de King; o anterior xerife Don Redmond do Condado de Thurston. Tenente James Stovall da Polícia de Salem, Oregon. Gene Miller do *Miami Herald*. George Thurston do *Washington Post*, Tony Polk do *Rocky Mountain News*. Rick Barry do *Tampa Tribune*. Albert Govoni, editor da *True Detective*. Jack Olsen. Yvonne E. W. Smith. Amelia Mills. Maureen e Bill Woodcock. Dr. Peter J. Modde. E aos meus filhos, Laura, Leslie, Andy e Mike, que prescindiram de meses da companhia da mãe para eu poder escrever.

*Eis que em nova explosão tanto o atormenta
Quanto mais ele vê altas delícias
Jamais para seu gozo destinadas.
Súbito então recorda os ódios todos,
De sentir-se tão mau se congratula,
E excita assim seus feros pensamentos:*

*“Té onde, ó pensamentos, me levastes?
Com que suave impulsão vós conseguistes
Que eu me esquecesse do que aqui me trouxe?
Não me deleita o amor, de ódios me nutro:
Não quero Paraíso em vez de Inferno;
Nenhum prazer procuro; só intento
Lançar em ruínas os prazeres todos...
Exceto o que em destruir possa fundar-se:
Outra alegria para mim perdeu-se.*

*O PARAÍSO PERDIDO: POEMA ÉPICO
EM DOZE CANTOS (LIVRO IX),
JOHN MILTON, TRADUÇÃO DE
ANTÓNIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO*

PARTE UM

O capítulo final?

2008

Nunca esperei escrever de novo sobre o Theodore Robert Bundy. O homem que não era famoso nem infame quando o conheci há 30 anos está morto há 20, mas continua a espantar as novas gerações. Escrevi um epílogo, um posfácio, «O Último Capítulo» e «Atualização: Vinte Anos Depois» da obra *Um Estranho a Meu Lado*, a minha primeira obra publicada, mas a história do Ted parece não ter fim. O mais certo será continuar a fazer acréscimos a este livro nos próximos anos.

Algumas informações que incluí no meu livro original revelaram-se inverdades — lendas populares e rumores nos quais acreditava a maioria dos especialistas no Bundy — e quero repor a verdade. O único carrasco que baixou a alavanca que ativou a cadeira elétrica em Starke, na Florida, não estava de máscara nem tinha grossas pestanas com rímel. Isso faz parte da lenda do Ted.

Nesta nova secção, incluo o relato de uma testemunha ocular da morte do Ted Bundy, o qual erradicará todas as impressões erradas.

Estão sempre a surgir novas informações sobre o Ted e não param de aparecer «quase vítimas». Parte de mim quer virar costas e esquecer as memórias do Ted. Admito que até protelei a redação deste capítulo. Porquê?

Porque o Ted Bundy continua a assombrar-me.

Se o Ted tivesse sido bem-sucedido na sua tentativa desesperada de salvar a própria vida depois de roubar tantas outras e continuasse atrás das grades, seria neste momento um veterano de 62 anos. A minha

neta tem agora a idade que eu tinha quando conheci o Ted, e sou bisavó. A filha do Ted com a mulher de então, Carol Ann Boone, tem 26 anos. A filha da Meg Anders, que via o Ted como uma figura paternal, tem quase 40.

As jovens que o Ted matou estariam na casa dos 50. Essa miríade de potenciais vítimas que lhe escaparam por pouco *está* na casa dos 50 e dos 60. Ninguém alguma vez saberá quantas foram.

O mundo segue o seu rumo inexoravelmente sem o Ted Bundy, mas deixou para trás muitas cicatrizes, pesadelos e memórias que não podem ser apagadas.

O Ted nunca foi bem-parecido, brilhante ou carismático como as lendas do crime o pintaram, mas, como já disse, a infâmia assentou-lhe bem. Praticamente desconhecido antes de ser suspeito de uma série de horríveis crimes, de alguma forma tornou-se todas essas coisas consoante a imprensa o abraçou. O decorrer de décadas elevou — ou rebaixou — o Ted ao nível de Leopold e Loeb, Albert DeSalvo, William Heirens, Charles Manson e, quiçá, uma dezena de outros assassinos que mataram só porque sim.

Sempre acreditei que o tempo ofuscaria o interesse no Ted Bundy, em especial depois da execução. No entanto, tornou-se quase mítico.

Enquanto escritora para revistas sensacionalistas que ansiava ser romancista, devia estar grata por ter um lugar na primeira fila no monstruoso cenário onde o Ted Bundy interpretou o papel de, como alguém escreveu num jornal, «o menino glamoroso do homicídio».

Porém, não estou grata. Preferia não ter publicado livro algum, muito menos 29, e que as vítimas do Ted tivessem sobrevivido. Os crimes dele mudaram a minha vida e abriram as portas para o contrato do meu primeiro livro, mas enquanto ser humano gostaria de poder voltar atrás e apagá-lo e ao rasto de destruição que deixou pela América. Quem me dera ter o poder de fazer com que tudo o que fez não fosse real. Às vezes, depois de tantos anos, quase parece que o Ted Bundy e as dezenas de vítimas que fez foram apenas fruto da minha imaginação.

Ironicamente, a imagem do Ted que perdura no imaginário do público quase 40 anos volvidos tende a ser de um criminoso bem-parecido e ousado. Isto aplica-se especialmente a mulheres jovens que hoje estão na mesma faixa etária das suas vítimas nos anos 70 do século xx.

Não devia ficar espantada por continuar a receber cartas e *e-mails* de jovens de 20 anos fascinadas pelo Ted Bundy. Há 30 anos, vi as jovens da Florida que faziam fila à porta do tribunal em Miami, ansiosas por conseguirem um lugar na galeria por detrás da mesa de defesa dele.

Ofegavam e suspiravam de prazer quando o Ted se virava e olhava para elas.

O Ted apreciava a reação dessas raparigas. Era ele quem estava em controlo, ou assim pensava, durante o primeiro julgamento em Miami.

Por algum motivo, não sei dizer qual, recebo correspondência vinda da Itália num volume superior à média. Nesse país, as mulheres «amam» o Ted e choram a sua morte. Recebi correspondência relacionada com ele de todos os estados da nação, bem como da França, Suécia, Holanda, Alemanha e até do Zimbabué e da China. Tornou-se o Jack, o Estripador da América, o verdadeiro Drácula, um assassino cujo génio transcendeu o dos assassinos comuns. Como tal, afigura-se perversamente fascinante aos olhos das mulheres solitárias.

Talvez em parte a culpa seja minha. Será que descrevi demasiado bem o lado «bom» do Ted, aquele que vi nos primeiros três anos que o conheci? Ele parecia simpático, atencioso e honesto, e eu não reconheci o perigo — não para mim, mas para as jovens bonitas que encaixavam no seu perfil de vítima. Quis alertar os leitores para o facto de, por vezes, o mal se apresentar em embrulhos bonitos. Quis poupá-los aos sádicos sociopatas que andam por aí à procura de vítimas.

Pensando bem, admito que fui muito ingénua. Inclusive, percebo que continuei a ser ingénua em determinado sentido. Continuo a querer salvar as vidas de mulheres, mas uma mais, apenas, seria importante para mim.

Em 1980, não percebia bem a diferença entre ser psicótico e ter uma perturbação da personalidade. Na primeira edição deste livro, escrevi que o Ted tinha de estar louco quando matou todas aquelas jovens. Na realidade, pensei mesmo que o Ted era simplesmente louco e disse que devia ser internado num manicómio.

E estava errada. Ao menos, percebi que a perturbação de personalidade dele significava que *nunca* deveria ser libertado na sociedade. Porém, é apenas disso que posso assumir a responsabilidade. Não me envergonho do facto de ter errado no diagnóstico. Muitos psicólogos e psiquiatras que trabalharam com o Ted também erraram.

Ele não era louco. É inquestionável que tinha muitas perturbações de personalidade. Provavelmente, tinha uma personalidade narcisista, *borderline* e sociopata. Uma psicóloga, que mudou o diagnóstico do Ted Bundy mais do que uma vez, começou por um diagnóstico de bipolar até, por fim, perturbação de identidade dissociativa. Nunca concordei com qualquer uma das opções. As características e ações dele não encaixavam, a não ser que entrassem à força.

Estou convencida de que o Ted foi um sociopata sádico que tinha prazer com a dor de outros humanos e com o controlo que exercia sobre as vítimas até à sua morte e mesmo depois. Fora uma criança, adolescente e jovem que nunca tivera um grande controlo sobre a própria vida. Enveredou por um caminho horrendo na procura pelo poder e pelo controlo.

Ele era o centro do seu próprio universo.

Quem tem uma perturbação de personalidade sabe a diferença entre o certo e o errado, mas isso não importa, porque acredita ser especial e que merece ter e fazer tudo o que quer. É o centro do mundo. Os demais são figurantes sem importância. Ao abrigo da lei e em termos clínicos, um indivíduo com perturbações mentais não sabe a diferença e não é responsável pelas próprias ações, por muito chocantes que sejam.

Numa fase precoce, pensei que a determinada altura o Ted confessaria porque de certeza sentia culpa. Porém, ele nunca sentiu culpa. Tratava-se de uma faculdade que não possuía.

Apenas por uma questão de sobrevivência.

Além disso, o Ted Bundy tinha algo que aterrorizou as mulheres que lhe escaparam no último minuto. Elas «farejaram» o perigo suficientemente cedo para gritarem, se debaterem ou fugirem. Durante anos, nem sequer conseguiram falar dos encontros com ele. Já tinham atingido a meia-idade e ele estava morto há tempo suficiente para ser uma ameaça menor quando, por fim, me contactaram.

Na sua maioria, no início tiveram medo de ler *Um Estranho a Meu Lado* porque não queriam confirmar a realidade do facto de ele as ter abordado, de as ter escolhido. A frágil linha da sua própria mortalidade estivera demasiado perto de rebentar.

Era o semelhante a estar envolvido num terrível acidente de viação e escapar com vida, quando uma pessoa não quer pensar no assunto

enquanto não houver um certo distanciamento da situação de que escapou por um triz.

Pedi autorização para incluir nesta atualização algumas dessas situações em que escaparam por pouco e disseram-me que podia ser, se não utilizasse os seus nomes reais. Compreendo que queiram que assim seja.

Investiguei mais de cem incidentes que me foram enviados, e inicialmente escolhi apenas aqueles que tive a convicção de serem encontros verídicos com o Ted Bundy. Ainda assim, tive de peneirar as recordações assustadoras, caso contrário teria matéria para outro livro.

A primeira recordação é de uma mulher de meia-idade assolada pela culpa e pelos remorsos por acreditar com toda a convicção que era ela, e não Georgann Hawkins, a vítima que o Ted pretendia em junho de 1974. Pior, ela assistiu, paralisada pelo medo, quando ele agarrou em Georgann e a levou para o seu carro... e para a iminente morte.

Caitlyn Montgomery escreveu-me várias vezes. Já não vive no Noroeste, mas em meados da década de 70 frequentava cursos de enfermagem na Universidade de Washington. Vivia na cave de uma pensão que se localizava defronte da viela pela qual Georgann passou no dia 10 de junho de 1974. Caitlyn enviou-me uma fotografia sua tirada nessa época e tinha bastantes parecenças com Stephanie Brooks*, ao ponto de parecer uma irmã gémea. Stephanie foi a mulher que o Ted pediu em casamento com o único intento de a abandonar, tal como ela o abandonara.

Andava alguém a espreitar pelas nossas janelas, e eu tinha visto um tipo de muletas no nosso quarteirão. Senti que estava a seguir-me. Na verdade, passei por aquela viela pouco antes de Georgann Hawkins. Estava escuro e tive medo, por isso corri para a nossa casa o mais depressa que consegui e tranquei a porta. Depois, apaguei as luzes, e quando espreitei para a viela, vi lá a rapariga que mais tarde viria a saber ser Georgann.

Caitlyn ouviu um grito de surpresa ou medo. Viu o homem de muletas abordar uma rapariga loura, dizer algumas palavras que não percebeu e agarrá-la pelo braço. Caitlyn não teve a certeza de a rapariga ir ou não de livre e espontânea vontade, mas pressentira medo e acreditava que ele forçou Georgann a seguir de novo pela viela.

Devia ter tentado ajudá-la, escreveu. Devia ter pedido ajuda, talvez chamado a polícia, mas estava demasiado assustada. Limitei-me a assistir. E arrependo-me desde então...

Caitlyn Montgomery era *exatamente* o tipo de morena esbelta que o Ted Bundy escolheu como vítima repetidas vezes. Georgann era loura. Eram ambas extremamente atraentes. Não sei se Caitlyn era a vítima originalmente pretendida pelo Ted. Só ele sabia e, é claro, já não se encontra entre nós para o revelar.

Nos anos 70, o Bairro Universitário era ainda uma zona bastante circunscrita, à semelhança do que acontecia quando terminei a licenciatura em Estudos Literários, uma década antes. Havia a 45th Street, que atravessava o *campus*, para este e oeste, e a University Way, conhecida por «The Ave», para norte e sul. As residências universitárias ladeavam algumas ruas a norte do *campus* e o Ted vivia na zona oeste da The Ave. Quase todas as ruas a norte e sul tinham uma viela no centro do quarteirão. Calculo que o Ted tenha vagueado entre a 41st Street e a 65th, bem como de ambos os lados da The Ave. Há um sem número de mulheres, as quais na década de 60 estavam na casa dos 20 anos, que me falaram de um homem bem-parecido num *Volkswagen* «Carocha» que insistia em oferecer-lhes boleia nas cercanias. Quando recusavam, o homem ficava furioso.

Porém, alguns encontros foram mais violentos. Transcrevo abaixo um *e-mail* que recebi em julho de 2008 (também neste caso tenho autorização para o transcrever com o pseudónimo da autora). Por estranho que pareça, vivi um verão no mesmo apartamento que ela, ainda que anos antes. Os apartamentos localizavam-se um quarteirão mais para oeste, paralelo à University Way.

Audrey* escreve:

Sou uma licenciada pela Universidade de Washington de 53 anos e vivi nos Brooklyn Apartments entre 1973 e 1977. Ao folhear a minha recente *UW Columns*, deparei com um breve perfil seu, no qual menciona o seu livro, *Um Estranho a Meu Lado*.

Audrey nunca ouvira falar de mim, mas estava a par dos crimes do Ted Bundy e da sua execução, além de que lera notícias nos jornais locais

do centro-oeste, para onde se mudara depois de concluir os estudos. Decidiu ler o meu livro 28 anos depois da primeira edição.

Só quando cheguei à página 98 do seu livro é que percebi como posso ter estado perto de um envolvimento pessoal. No livro, menciona a morada onde o Ted residiu durante o período dos homicídios na área de Seattle. Percebi pela primeira vez que o meu apartamento se localizava a menos de um quarteirão da casa de hóspedes onde ele residiu.

Certa noite (em meados de 1973–1974), a minha colega de quarto, uma morena atraente, e eu (loura de cabelos compridos, de risco ao meio) decidimos jantar no Horatio's. Ela tinha tido uma excelente nota final na escola de enfermagem, pelo que nos aperlaltámos para ir celebrar. Tinham-me atribuído um lugar de estacionamento esquisito no complexo de apartamentos, que obrigava a passar pela viela. Estava a escurecer quando descemos as escadas do nosso apartamento no segundo andar, e quando chegámos à viela percebi que me tinha esquecido dos óculos para conduzir à noite. Disse-lhe para ela esperar enquanto ia a correr buscá-los.

E fui.

Quando regresssei ao piso térreo e dobrei a esquina para a viela, vi a minha colega de quarto a tentar defender-se de um homem que a agarrava com o braço à volta do pescoço.

Fiquei paralisada, mas depois soltei um grito gutural que nunca mais consegui repetir. Foi um grito tão primitivo e arrojado que, mais tarde, dois tipos que estavam a alguns quarteirões de distância nos disseram que o tinham ouvido e percebido que se passava algo errado. O homem largou a minha amiga e correu para o alpendre nas traseiras de uma casa na 12th Avenue. Quando chegou ao alpendre, virou-se e olhou para nós.

Enquanto for viva, nunca esquecerei aqueles olhos e a forma como nos encarou. Naquele instante, além de estar aterrorizada, não me passou pela cabeça que podia ter sido o Ted. Não sei porquê, mas não juntei dois mais dois. Em minha defesa, devo dizer que ainda não tinha lido notícias sobre ele na imprensa.

Nos dias seguintes, saiu a notícia do desaparecimento de Georgann Hawkins.

Na noite da tentativa de rapto, Audrey e a colega de quarto telefonaram aos respetivos namorados, que se apressaram até lá e as levaram para as suas casas. O noivo de Audrey era professor assistente na Universidade de Washington e instou-a a fazer queixa às autoridades, mas ela não o fez por considerar que não fora cometido efetivamente qualquer crime. «Era jovem e ingênua.»

Por estranho que pareça, durante a madrugada da execução do Ted, em janeiro de 1989, Audrey — então a viver na Califórnia — lembra-se de despertar de um sono profundo e se sentar muito direita no preciso instante em que o Ted morreu.

Foi o Ted que encontrou a adorável colega morena aparentemente sozinha no escuro?

Acho que sim.

Audrey escreveu-me mais uma vez. Eu disse-lhe que a minha finalidade era alertar as mulheres para o perigo e — esperava — salvar vidas com alguns conselhos ou alertas que lessem nos meus livros.

Ainda na outra noite reparei num tipo a observar-me ao entrar para uma aula de Pilates. Continuava à espreita quando saí. Por isso, voltei a entrar e chamei a polícia para me escotar à saída do edifício. O tipo desapareceu antes de a polícia chegar, mas é algo que, mesmo aos 53 anos, não pensaria em fazer se não tivesse lido o seu livro e percebido qual é o *modus operandi* de alguns desses monstros.

Em 1998, recebi uma carta de uma mulher chamada Marilyn. Também viveu na área metropolitana de Seattle em 1974; certa noite, no início do verão, seguia pela autoestrada I-5 em direção a norte, para uma reunião de assistentes sociais num hospital em Northgate. Relembra ela:

Enganei-me na saída e estava à procura do caminho certo, mas só vi uma placa a dizer APENAS VANCOUVER B.C. Foi então que me apercebi de um *Volkswagen* «Carocha» de cor clara na

minha traseira. Naquele momento, estava bastante desorientada, e virei para este na 65th Street em vez de para oeste na direção da autoestrada. Continuei às voltas, à procura das placas a indicar o caminho para a autoestrada, mas ia parar sempre ao mesmo sítio. Depois disso, estava tão atrasada para a reunião que fiquei mesmo nervosa e as ruas foram ficando cada vez mais estreitas.

O *Volkswagen* continuava a seguir-me e eu estava assustada. O tipo ao volante não podia estar a enganar-se tantas vezes no caminho como eu. Quando dobrei uma esquina, dei por mim num beco sem saída, de onde só sairia fazendo marcha-atrás. Encostei à berma no sítio onde o asfalto terminava, num terreno cheio de ervas daninhas. O tipo do VW estacionou atrás de mim...

Marilyn contou que se apressou a trancar as portas, mas o homem — de cabelos castanhos ondulados — levou logo a mão ao puxador da porta e fitou-a com um ar zangado pelo vidro do condutor.

Nesse preciso instante, um carro cheio de alunos da secundária parou atrás dele. Não sei porquê, mas provavelmente salvaram-me a vida. O tipo de ar zangado correu de volta para o carro, forçou-os a recuar, fez inversão de marcha e desapareceu. Os miúdos indicaram-me o caminho até à autoestrada.

Era o Ted Bundy. Reconheci os olhos quando vi a fotografia dele no *Seattle Times* vários meses depois.

No dia 10 de agosto de 2007, recebi um *e-mail* de uma mulher de 52 anos que crescera em Olympia, Washington, capital do estado. O Ted trabalhou durante vários meses no Departamento de Serviços de Emergência do Estado de Washington em Olympia, tendo começado na primavera de 1974.

Bettina disse estar convencida de se ter cruzado por duas ocasiões com o Ted Bundy na primeira metade da década de 70.

Da primeira vez, eu andava na secundária em Olympia e decidi fazer gazeta e voltar para casa a pé, contornando o Capitol Lake. Vivia a meio caminho da Harrison Hill, na zona ocidental de

Olympia. Estava um dia de sol, e ia eu a meio do caminho à volta do lago quando um VW «Carocha» parou ao meu lado. O condutor perguntou-me se queria boleia. (Naquele tempo, eu usava o cabelo comprido e com risco ao meio.) Eu disse que podia ser e entrei para o carro. A minha memória visual é muito vaga, pois era uma pessoa extremamente tímida, pelo que não olhei bem para ele, apenas de relance.

Bem, lembro-me de que ele tinha cabelo castanho-escuro, curto. Não me lembro da cor do «Carocha», mas pareceu-me que era uma cor clara. Perguntou-me em que universidade eu andava e lembro-me de ficar lisonjeada por ele pensar que eu era universitária. Respondi que não andava na universidade, mas, sim, na secundária. Ele deixou-me ficar onde eu lhe disse e foi só isto.

Porém, o homem sabia onde Bettina morava.

A segunda vez que Bettina viu este homem foi cerca de 18 meses mais tarde.

Já tinha terminado os estudos e vivia numa casa arrendada na Franklin Street, na baixa de Olympia. Ainda usava o cabelo comprido e com risco ao meio. Era de noite, bastante tarde, e alguém bateu à porta. A porta tinha vidros e vi o que me pareceu ser um agente da polícia no alpendre. Lembro-me de olhar para a rua antes de a abrir e de ter achado estranho não ver um carro-patrolha, mas mesmo assim abri a porta e espreitei, ainda à procura do carro-patrolha que não estava lá.

Eu tinha um cão pequeno que não parou de ladrar que nem um louco durante tudo isto, mas o «polícia» disse que tinha recebido uma queixa dos vizinhos (do outro lado da rua, havia um enorme parque de estacionamento de uma igreja — nenhuma casa). Ele apontou para o outro lado da rua e disse que alguém tinha visto uma rapariga de cabelo comprido, era essa a descrição da fugitiva, a entrar em minha casa.

Eu tinha rolos no cabelo e uma touca, e disse: «Bem, eu tenho o cabelo comprido, mas não ando fugida. Moro aqui.» Ele mostrou-se intransigente em relação àquilo da fugitiva e insistiu na

descrição do cabelo comprido, mas o meu cão estava louco e eu só queria acabar a conversa. Assim, disse-lhe que se tinha enganado na casa e fechei a porta. Foi só isto. Nunca vi um carro-patrulha a partir, o que me pareceu estranho.

Bettina disse que tinha esquecido estes dois incidentes durante anos, até que se deparou com um artigo sobre o Ted Bundy, com fotografias.

«Oh, meu Deus», disse eu. Foi então que percebi que o Ted Bundy me tinha dado boleia até casa. Tenho a certeza absoluta de que foi ele. E lembrei-me do incidente do «polícia» a altas horas da noite sem carro-patrulha e concluí que era ele. Devia andar a vigiar-me.

Foi há tanto tempo que não me afeta, mas não consigo deixar de pensar que as coisas podiam ter sido diferentes — se não tivesse rolos no cabelo ou o meu cão não fizesse um escarcéu, o meu podia ser um dos nomes da «lista».

Não param de chegar *e-mails* de mulheres que viviam em Washington nos anos 70 e espero vir a receber mais depois de esta versão atualizada de *Um Estranho a Meu Lado* chegar às bancas. Há mulheres que poderão equivocar-se a identificar o Bundy como o homem que as assustou. De forma geral, conseguirei excluí-las com base nas datas e nos locais que indicarem. Algumas serão mulheres com imaginações férteis. Geralmente, também as consigo identificar. Porém, muitas consistirão em avistamentos reais.

Uma que considero genuína é a recordação de uma mulher que era estudante universitária em Salt Lake City em 1974. O Ted mudou-se de Seattle para lá nesse outono para estudar Direito na cidade mórmon. Teresa vivia numa grande casa arrendada com várias outras estudantes, numa modalidade de alojamento em tudo semelhante à da casa partilhada por Lynda Ann Healy com as colegas, perto da Universidade de Washington, antes de desaparecer, em janeiro desse ano.

Nesse outono, apareceu um *voyeur* a espreitar pelas janelas. No início, foi apenas a sensação de estarmos a ser observadas, mas depois vimo-lo lá fora, junto da janela do rés do chão. Encontrámos vestígios de alguém pernoitar na garagem pelo menos durante algum tempo.

Quando Teresa e as colegas conseguiram, por fim, ver o homem que as observava escondido nos arbustos, no escuro, todas memorizaram traços do seu rosto.

A polícia não encontrou nada que permitisse uma identificação. Disseram-nos para termos muito cuidado ao trancar as portas, e foi o que fizemos. Porém, em novembro, quando o tempo arrefeceu, ouvimos barulhos na cave. O pior foi na manhã em que descobrimos que alguém defecara mesmo por debaixo da janela pela qual o tipo nos observara. Mas ele tinha ido embora e nunca mais voltou.

Quando o Ted Bundy foi detido por inspetores do Condado de Salt Lake, no verão de 1975, o seu retrato foi publicado em jornais de Salt Lake City a Seattle. Teresa e as amigas reconheceram-no. Era o homem que tinham visto na janela de sua casa, que deixara latas de atum vazias na cave e que provavelmente defecara no jardim.

Ao longo dos anos, recebi muitas cartas e *e-mails* do Utah. Também recebi outras comunicações de regiões muito mais distantes. Considerando o facto de que o Ted Bundy viajou bastante pela América e pelo Canadá, algumas memórias que perduram ao fim de três ou mais décadas podem bem ser verdadeiras, independentemente da sua origem. Sabe-se que o Ted esteve na Nova Inglaterra, na Pensilvânia, no Michigan, em Chicago, em toda a orla costeira oriental, no Oregon, na Califórnia, no Idaho, no Colorado, no Utah, na Geórgia e em muitos outros sítios. Por vezes, viajou enquanto filiado no Partido Republicano. Outras vezes, por motivos pessoais.

Nunca ignoro correspondência só porque chega do outro lado do país, porque sei que o Ted Bundy pode muito bem ter lá estado numa ou noutra ocasião.

Em abril de 2007, uma mulher chamada Siobhan enviou-me um *e-mail*. O conteúdo fazia lembrar bastante os outros relatos de «avistamento do Bundy» que eu recebera, mas Siobhan vive em Nova Jérсия.

Na década de 70, eu tinha 16 anos. Vivia em Linden, Nova Jérсия. Costumava apanhar o autocarro número 44 desde a Route 1 até

à Wood Avenue. Trabalhava numa loja de aluguer de roupa para casamentos. Só depois de ler o seu livro percebi que andei de carro com o Ted Bundy. Chovia a cântaros, o meu guarda-chuva virou-se ao contrário e eu estava encharcada. O semáforo estava vermelho, um VW dourado encostou e [o condutor] baixou o vidro. Ao volante, seguia um homem bem-parecido e bem vestido que me disse: «Entra, entra! Estás encharcada. Não há problema.»

Desconfiei, não era algo que costumasse fazer, mas estava com frio. Por uma fração de segundo, pensei: *Uau, que homem tão simpático e bem vestido. Seria de esperar que conduzisse um Lincoln ou algo do género.*

Entrei para o carro e disse: «Vire à esquerda no semáforo.» Ele virou. Depois, disse: «Quando chegarmos à Wood Avenue, vire à direita.» Contudo, quando nos aproximámos da Wood Avenue, virou à esquerda. Senti um calafrio na barriga. Percebi que aquele homem conhecia a região. Seguiu até à 16th Street. Não era uma zona de boa reputação, se é que me percebe. Havia lá um parque e foi onde estacionou. Assim que parámos, espetei-lhe o guarda-chuva, disse «vai-te f...!» e pisguei-me. Tive de fazer a pé todo o caminho até à Route 1 num bairro que também me aterrorizou. Continuava a chover torrencialmente.

Anos mais tarde, vi as fotografias do Ted Bundy. Tenho a certeza absoluta de que era ele. Disse a algumas pessoas. Talvez acreditem em mim ou se calhar pensam que sou maluca. Apenas lhes quis dizer.

As minhas filhas riem-se e dizem: «A minha mãe escapou ao Ted Bundy!» Mas eu acredito realmente que sim.

Siobhan não sabe ao certo se isto foi em 1974 ou 1975, mas sabe que não foi no inverno. Estará correta ao acreditar que escapou ao Ted Bundy? Não sei. O Ted teve anos «atarefados», e não consigo registar todas as paragens nas viagens que fez à Costa Leste.

Sinto-me tentada a acreditar que Siobhan se cruzou com outra pessoa que não o Ted, mas não tenho a certeza.

Outro *e-mail* que recebi da Costa Leste é igualmente discutível, mas possível.

Muito antes de eu conhecer o Ted Bundy, ele teve um papel ativo em causas do Partido Republicano, o que facilitou bastante a tarefa de seguir as suas atividades. Durante o verão de 1968, foi a Miami, na Florida, numa viagem que ganhara pelos esforços na eleição do Nelson Rockefeller. Além disso, nesse verão frequentou um curso intensivo de mandarim na Universidade de Stanford em Palo Alto, na Califórnia. No outono de 1968, foi contratado como motorista e guarda-costas de Art Fletcher durante a sua candidatura ao cargo de vice-governador do estado de Washington. No início de 1969, o Ted regressou à região leste numa tentativa de traçar a própria herança genética, uma viagem que o levou a Burlington, Vermont e Filadélfia. Será que o Ted foi ao estado de Nova Iorque em 1968 ou 1969? É bem possível, e teria sido para o encontro que Barbara acredita ter tido com ele.

Eu e a minha irmã acreditamos ter conhecido o Ted Bundy na zona central de Nova Iorque no verão de 1968. Estávamos num piquenique da empresa num parque estadual. Éramos raparigas da classe média, de longos cabelos lisos com risco ao meio. Ele disse que era piloto de carros de corrida e que tinha partido uma perna. Conduzia um VW. Nós crescemos perto do circuito de Watkins Glen e a nossa família interessava-se imenso por automobilismo. Pediu-me para lhe ir buscar comida, mas para o fazer teria de deixar a minha irmã mais nova sozinha com ele. Recusei-me a deixá-la.

O meu pai foi ter connosco e mandou-o à vida dele. Depois de nos dizer para irmos procurar a nossa mãe, o meu pai disse-lhe umas verdades, as quais se recusou a revelar-nos quais foram. Nessa noite, passou-nos um raspanete.

No início dos anos 80, a minha irmã telefonou-me do escritório onde trabalhava e perguntou se eu tinha visto o jornal. Liguei-lhe depois de comprar um exemplar. Ambas o reconhecemos de imediato. Pergunto-me se o Ted Bundy já abordava jovens raparigas naquela época. Essa experiência tornou-me numa pessoa muito mais precavida, e tanto as minhas filhas como a minha sobrinha foram criadas para terem muito cuidado com os desconhecidos, especialmente desconhecidos *atraentes*.

Nunca esquecemos esse episódio, estamos agradecidas pela vigilância do meu pai. (Somos cinco raparigas na família. Ele deve ter dado em doido!)

Sim, é possível — até mesmo provável — que o Ted tenha passado por Watkins Glen, em Nova Iorque, a caminho de Burlington, no Vermont. Porém, teria sido na primavera de 1969. A memória prega-nos partidas e, por vezes, é complicado lembrarmo-nos de um ano com exatidão quatro décadas mais tarde.

Acredito que Barbara e a irmã, jovens adolescentes na época, terão provavelmente conhecido o Ted Bundy.

Ao transcrever estas memórias de sobreviventes, espero que as leitoras compreendam bem o porquê de terem sobrevivido.

Gritaram.

Debateram-se.

Fecharam portas na cara de um desconhecido.

Fugiram.

Duvidaram de uma pessoa com muita lábia.

Detetaram falhas nas suas mentiras.

Tiveram a sorte de alguém intervir e as proteger.

Há uma história verídica que ouvi há anos no Tennessee, numa conferência para a prevenção de violações, e que nunca esqueci. Esta história não envolve o Ted Bundy, mas poderia envolver. Estavam presentes na conferência inspetores da polícia que tinham detido um homem pela violação e homicídio de várias jovens, e ele dispusera-se a falar com eles, acabando por confessar. Os inspetores descreveram a confissão.

O homem conseguira atrair uma jovem até ao seu carro e, uma vez lá dentro, encostara-lhe uma navalha às costelas. «Disse-lhe que, se gritasse, a matava ali mesmo.»

Enquanto seguiam por uma via rápida com quatro faixas de rodagem, tiveram de parar num semáforo. Um carro-patrolha parou ao lado deles na faixa da direita. Foi num final de tarde muito quente, ainda de dia, e os dois carros tinham os vidros abertos. A rapariga raptada podia ter esticado o braço e tocado na beira da janela do carro-patrolha, mas sentiu a navalha a fazer pressão no seu seio e ouviu o sequestrador a

dizer: «Se abres a boca ou pedes socorro, mato-te...» O interlúdio durara menos de um minuto. A vítima ficara em silêncio.

«O carro da polícia seguiu caminho», disse o suspeito. «Virei à esquerda, segui por essa estrada cerca de 800 metros, virei para uma rua, violei-a e depois matei-a.»

PARTE DOIS

Eu não estava em Starke, na Florida, quando o Ted Bundy conheceu a «Old Sparky», a cadeira elétrica no Estabelecimento Prisional de Raiford, no dia 24 de janeiro de 1989. Dizia a sabedoria popular prisional que prisioneiros tinham utilizado um velho carvalho para fazer a cadeira na serração e nas carpintarias de Raiford em 1924. Não era infalível, e por vezes queimava a carne e os cabelos dos assassinos condenados que nela se sentavam pela última vez. Muitas vezes, foi necessário mais de um choque elétrico para os matar.

Em 1986, 19 estados tinham mudado para o método de injeção letal, que era «mais humano».

Porém, a «Old Sparky» tinha lista de espera.

Por algum motivo, não falei pessoalmente com ninguém que tenha estado na sala de execução e na galeria quando o Ted morreu... até esta semana. Mais uma vez, é possível que não quisesse conhecer todos os pormenores dos derradeiros momentos do Ted.

E depois, no verão de 2008, recebi um grande envelope do Dr. Arthur Burns, dentista da Florida cujo sócio, Clark Hoshall Jr., também ele dentista, além de estar presente na execução do Ted, se encontrava a uns meros 90 centímetros dele quando a corrente elétrica passou pelo seu corpo. O Dr. Arthur Burns incluía no envelope um relato dramático que o sócio Clark Hoshall redigira, descrevendo o que vira, ouvira, cheirara e experienciara nessa manhã de janeiro em 1989.

O Dr. Burns e o Dr. Hoshall tinham sido fundamentais na identificação dos restos mortais de Kimberly Dianne Leach, de 12 anos, a menina de Lake City, na Florida, que foi a última vítima do Ted

Bundy. Apesar de ser a assinatura do Dr. Burns a constar do formulário de identificação oficial, fora o Dr. Hoshall quem abrira a pequena caixa de madeira com o crânio e o maxilar de Kimberly.

Peter Lipkovic, médico-legista do Quarto Círculo Judicial da Florida, pedira ao Dr. Hoshall para aplicar as suas competências de dentista forense no apuramento da verdade. Através de identificação anatómica, componentes esquelético-dentários e radiografias, o Dr. Hoshall seria capaz de perceber com exatidão se o tamanho, o posicionamento e até os dentes de leite correspondiam ao tratamento dentário a que Kimberly Leach fora sujeita. Ironicamente, Kimberly fora submetida a uma extração pouco antes de desaparecer.

Os pais tinham-na tratado bem.

Não fora um trabalho fácil para o Dr. Clark Hoshall, cuja própria filha, Victoria, era da mesma idade de Kimberly Leach, e o clínico não conseguia deixar de fazer comparações e de se interrogar como a família de Kimberly suportava tal tragédia.

Ken Robinson, o agente da Brigada de Trânsito da Florida que encontrara o esqueleto de Kimberly numa pocilga perto do Parque Estadual de Suwanee, sentiu algo semelhante: raiva por alguém ser capaz de fazer isto a uma menina do sétimo ano e um sentimento de impotência por não chegar a tempo de a salvar.

Desconfio que poucos leigos compreendam os processos de luto que os agentes da lei, os especialistas forenses e os procuradores experienciam quando as vítimas que procuram vingar são as mais vulneráveis de todas: crianças.

Fui a primeira testemunha a chegar para a execução do Theodore Robert Bundy, escreveu o Dr. Clark Hoshall. Mais tarde, numa conversa ao telefone, forneceu mais informações.

«Cheguei por volta das três da manhã. A Lua, cingida por um halo, espreitava por uma aberta no céu, que, caso contrário, estaria completamente nublado. A impressionante torre de vigia ao lado do portão principal velava a relva bem tratada que cobria três áreas separadas por arame farpado. Além disso, as vedações de três metros de altura conferiam uma aura de impenetrabilidade.»

As restantes testemunhas oficiais compareceram por volta das cinco da madrugada. Há mais de uma década que o Dr. Hoshall ansiava por este dia.

«Em termos profissionais, o caso Bundy continuará a ser o *mais* importante da minha carreira forense.»

O Dr. Clark Hoshall, o agente Ken Robinson e o promotor Jerry Blair foram selecionados para seguirem na primeira carrinha até à exígua sala de execução depois do pequeno-almoço que condenados lhes serviram e às outras testemunhas e dignitários.

Em qualquer outra ocasião, o cheiro do *bacon* e dos ovos, aveia, panquecas e café poderia ter sido tentador, mas a mesa fora levantada com os pratos praticamente intactos.

«Não consegui comer», disse-me o Dr. Hoshall. «Não tive apetite algum. Os outros também não. Foi um gesto simpático, mas só de pensar no que nos aguardava...»

O Dr. Hoshall sentou-se ao lado de um psicólogo do Estabelecimento Prisional de Raiford.

«Perguntei-lhe se havia um tratamento eficaz para pessoas como o Bundy. Ele fez um compasso de espera e disse: “Só se for uma marreta na testa.”»

As carrinhas fizeram uma fila, a postos para atravessar um campo relvado. O Dr. Hoshall tinha uma cruz de ouro no bolso.

Quando ele, Robinson e Blair entraram para a sala de observação, apressaram-se a ocupar a primeira fila. O Dr. Clark Hoshall escolheu a cadeira que ficava mesmo em frente à cadeira elétrica. Um lambrim, encimado por vidro transparente, separava as testemunhas da sala de execução.

«O Jerry Blair sentou-se à minha esquerda e o Ken Robinson à minha direita.»

As doze cadeiras foram ocupadas em silêncio e depois chegaram mais pessoas que ficaram de pé ao longo das paredes descoradas e funcionais da galeria.

«O Bundy assomou por uma porta, algemado e escoltado por guardas, por detrás da cadeira elétrica. Abanava a cabeça e tremia quando o arrastaram para ali.»

O Ted debateu-se durante todo o caminho até à «Old Sparky», mas não teve hipótese.

O Dr. Hoshall não se recorda de últimas palavras do prisioneiro que fizessem algum sentido. A descrição depois disto é quase clínica, uma imagem gravada na sua memória.

«O Bundy estava inquieto e não olhou ninguém nos olhos, até que lhe prenderam a cabeça a um encosto reto com laterais angulares. Uma tira de couro cobriu-lhe a cara na diagonal desde o lado direito do maxilar até acima da orelha esquerda, onde foi bem presa. A tira comprimiu o nariz lateralmente e fechou-lhe o olho esquerdo. O olho direito ficou aberto, a olhar em frente. Fiquei frente a frente com um dos predadores sexuais mais abomináveis do nosso tempo. Os meus olhos fitaram o seu olho direito e entrevi um medo selvagem no seu rosto em desalinho, mas nem uma lágrima. Colocaram uma toalha húmida dobrada em cima da cabeça preparada do Bundy. Puseram-lhe na cabeça um capacete de cobre encimado por um eléctrodo parecido com um parafuso. Ligaram um cabo eléctrico ao eléctrodo de cobre. O capacete integrava uma máscara de couro (a fazer lembrar as máscaras de soldar, mas com couro em vez de plástico).»

O Ted Bundy teve uma derradeira oportunidade. Um último telefonema que lhe podia conceder mais uma prorrogação. O telefone encontrava-se montado na parede por detrás da cadeira eléctrica e a alavanca para ligar a corrente ficava mesmo ao lado nessa mesma parede.

O telefone tocou. Alguém atendeu, abanou a cabeça e — no que pareceu ao Dr. Hoshall um «milionésimo de segundo» — o guarda prisional por detrás da cadeira eléctrica acionou a alavanca.

«Não lhe quiseram dar mais tempo. Agiram assim que souberam que o governador não dissera nada.»

O Dr. Clark Hoshall nega os relatos que dão conta de três «carascos» de máscara a carregar, cada um, num de três botões, para que nenhum deles soubesse qual o botão que acionava a corrente eléctrica.

«Havia apenas uma alavanca, por detrás da cadeira.»

A força da eletricidade percorreu o corpo do Bundy, fazendo-o retesar-se e esticar as correias que o prendiam, escreveu o Dr. Hoshall. As unhas ficaram de um azul cianótico. Ironicamente, constava que a cor preferida do Ted era o azul cianótico nos lábios e nas unhas dos seus «objetos». Perguntei ao Dr. Clark Hoshall se houve algum som na sala.

«Oh, sim. Ouviu-se um zumbido galvânico que vazou toda a energia da atmosfera. Bastou aquele aumento súbito de tensão. Depois, nada. A primeira coisa que vi imediatamente depois da execução foi o fumo a

libertar-se da zona da barriga da perna direita do Bundy, onde tinham prendido um elétrico com ligação à terra.»

Um técnico de saúde da prisão retirou a máscara de couro do Ted.

«Olhei de novo diretamente para o olho direito do Bundy», lembrou o Dr. Clark Hoshall. «Desta vez, a pupila estava fixa, dilatada, baça e sem reagir à luz. Outras avaliações superficiais permitiram determinar o óbito do Bundy.»

Enquanto a intensa onda de eletricidade percorreu o corpo do Ted e ribombou pela sala, o Dr. Hoshall segurava deliberadamente na mão a cruz de ouro.

O agente Ken Robinson reparou e perguntou-lhe:

— Para quem é isso?

— Para ela, é claro.

Os dois homens acreditavam numa vida por uma vida. No corredor à porta da sala de observação, o Dr. Hoshall virou-se para o agente Robinson e perguntou:

— Estaríamos aqui hoje se o tivesse descoberto e apanhado naquela pocilga?

— Não — respondeu o agente Robinson.

Se qualquer um deles tivesse apanhado o Ted Bundy ao examinar os restos mortais de Kimberly, dificilmente conseguiriam deixar de o estrangular.

Em vez disso, o Ted tivera mais 11 anos de vida.

Mas agora acabara.

Perguntei ao Dr. Clark Hoshall sobre a sua filha, Victoria, agora com pouco mais de 40 anos, a mesma idade que Kimberly teria.

«Está ótima. É feliz», disse. «Tem seis filhos e uma vida boa.»

Nenhum de nós disse o que era óbvio.

Quem dera.

PARTE TRÊS

Perguntas frequentes

Todas as semanas, recebo correspondência com perguntas sobre o Ted Bundy. Algumas repetem-se até à exaustão. Responderei aqui a essas perguntas o melhor que sei. Muitas das minhas respostas serão, necessariamente, apenas uma opinião pessoal, baseada nas informações que consegui recolher ao longo dos anos.

Quem foi o pai biológico do Ted?

Nunca foi possível determinar esta informação com certeza. A mãe, Eleanor Louise Cowell, disse apenas que o pai do Ted foi um «marinheiro». A certidão de nascimento dele indica que o pai é Lloyd Marshall, 30 anos, veterano da Força Aérea, licenciado pela Universidade Estadual da Pensilvânia. Outro nome referido como seu pai foi Jack Worthington. Nascido no Lar Elizabeth Lund Para Mães Solteiras, em Burlington, no Vermont, em 24 de novembro de 1946, a certidão de nascimento do Ted ostentava um carimbo com a indicação «ilegítimo».

Muitos consideram-no fruto de uma relação incestuosa, filho do pai da mãe, homem conhecido pelo seu carácter violento. Tanto quanto sei, nunca foram recolhidas amostras de sangue para confirmar ou refutar esta informação. Os testes de ADN só seriam uma realidade 50 anos mais tarde. O Ted foi conhecido por diversos nomes: Cowell, Nelson, Bundy, todos roubados a outros homens para proteger a sua identidade quando andava a monte.

É verdade que o Ted Bundy foi pai durante o período em que esteve detido?

Sim, acredito que foi. Uma pessoa que ia com frequência ao Estabelecimento Prisional de Raiford, em Starke, na Florida, disse-me que no início da década de 80 era costume os reclusos cotizarem-se para subornar os guardas no intuito de estes lhes permitirem períodos sozinhos com as suas visitas para momentos íntimos. Quem ganhasse a lotaria *tinha* tempo e privacidade suficientes para engravidar uma esposa ou namorada. Além disso, consta que Carole Ann Boone deu à luz uma menina que apresentava muitas semelhanças com o Ted.

Onde estão agora Carole Ann Boone e a sua filha?

Sempre tentei não saber nada da ex-mulher (que se divorciou depois de ele ser executado) e da filha do Ted, por pensar que se não tivesse informações, nunca poderia revelar inadvertidamente à imprensa pormenores que pudessem desencadear uma invasão da sua privacidade. Constatou-me que a filha do Ted é uma jovem simpática e inteligente, mas não faço ideia de onde ela e a mãe possam viver. Já tiveram sofrimento suficiente.

Onde estão a Meg Anders e a filha, a criança que considerava o Ted como uma figura paterna nos anos 70?

Também procurei saber muito pouco sobre a Meg e a filha, que tem agora cerca de 40 anos. Há muitos anos, a Meg escreveu um livro sob o pseudónimo «Elizabeth Kenyon». Intitulado *The Phantom Prince: My Life With Ted Bundy*¹ e publicado por uma pequena editora de Seattle que já não existe, há anos que saiu de circulação. Há pouco tempo, fiquei espantada ao receber um telefonema de Liane Anders*, a filha da Meg. O Ted também a magoara em termos emocionais. Da forma emaranhada como os humanos respondem ao trauma, Liane disse sentir-se culpada pelas jovens que o Ted matou, como se pudesse ter feito algo para o impedir de cometer os assassínios. Salientei que ela não tinha responsabilidade alguma pelo que o *Ted* fez. Ela era apenas uma criança quando tudo aconteceu, uma criança que o amara e confiara nele. Talvez um dia ela escreva sobre os seus sentimentos e espero que «Elizabeth Kenyon» assista a uma reedição do seu livro.

¹ Nunca editado em português. À letra, *O Príncipe-Fantasma: A Minha Vida com Ted Bundy*. (N. do T.)

O Ted Bundy alguma vez foi ilibado de homicídios dos quais foi suspeito?

Oficialmente, talvez uma ou duas vezes. Eu estava convencida de que assassinara Katherine Merry Devine depois de lhe dar boleia no Bairro Universitário em dezembro de 1973. Os pais dela e muitos inspetores da polícia também pensaram que o Ted fora o responsável, mas havia um suspeito «secundário» que os inspetores do Condado de Thurston, em Washington, investigaram durante os 28 anos que o homicídio da jovem esteve sem resolução. Chamava-se William E. Cosden e tinha cadastro por violação e homicídio em Maryland.

Em março de 2002, o ADN recolhido do cadáver e das roupas de Katherine Merry foi comparado com o de Cosden e houve uma correspondência inequívoca. Cosden acreditara ter escapado incólume. Fora visitar familiares que tinham uma estação de serviço em Olympia quando a menina de 14 anos saía do carro que lhe dera boleia desde Seattle. Conheceram-se na bomba de gasolina/paragem de camiões e ela confiara nele.

Cosden encontra-se agora detido num estabelecimento prisional.

O Ted Bundy não era, no fundo, uma boa pessoa...?

Não.

Alguma vez teve medo quando esteve com o Ted Bundy, em especial sozinha a noite inteira na Linha de Apoio?

Uma vez mais, a resposta é não. Sempre me orgulhei da minha capacidade de identificar comportamentos aberrantes noutros humanos, por ter aquela capacidade inata e também graças à experiência e à formação. E recriminei-me em silêncio por muito tempo por não ter identificado nada ameaçador ou perturbador na fachada do Ted. Foi muito simpático comigo, cioso da minha segurança e, aparentemente, empático.

O único indício que tive foi que a minha cadela (que gostava de toda a gente) não gostava nada do Ted. Sempre que ele se debruçava por cima da minha secretária na Linha de Apoio, ela rosnava e ficava com os pelos eriçados.

Há que aprender a lição: *Dar ouvidos ao nosso cão!*

Não acha que deviam ter mantido o Ted Bundy vivo para estudos psiquiátricos enquanto cumpria pena na prisão?

Não. O Ted arranjava forma de se evadir de novo e seria mais perigoso do que nunca. Ele enganou muitas pessoas inteligentes e experientes — incluindo eu — e era bem capaz de o fazer de novo. Seria um risco demasiado grande.

Qual era o QI do Ted?

Era de 124 no teste de Wechsler-Bellevue. O suficiente para conseguir uma licenciatura universitária e outros estudos, mas nunca atingiu um nível de génio.

Onde está sepultado o Ted Bundy?

Apenas os familiares mais próximos sabem. O corpo foi cremado, e ele pedira para espalharem as suas cinzas nas Cascade Mountains no estado de Washington. Provavelmente, foi uma escolha sensata, já que havia o perigo de profanação de uma sepultura que o identificasse.

Esteve apaixonada pelo Ted Bundy?

Não. Felizmente, nunca gostei do Ted, a não ser como amigo. Estive apaixonada por um inspetor de homicídios nos anos 70 e muito tempo depois. Este ano, fiquei chocada quando uma estudante me escreveu e me informou de que o professor dela dissera à turma que eu e o Ted tivemos uma relação e pretendíamos casar. Tratava-se de um rumor que *tive* de perceber imediatamente de onde vinha! Com a ajuda do meu editor, encontrámos um anúncio no eBay de um exemplar usado de um dos meus livros. O vendedor omitira duas frases de uma crítica ao livro, o que mudava completamente o sentido. Este erro utilizava o *meu* nome enquanto a crítica se referia à relação de Carole Ann Boone com o Ted, e o erro espalhou-se por muitos sítios na internet. Embaraçoso, e completamente falso.

O Ted Bundy era louco, não era?

Não. Consulte a primeira parte deste capítulo.

Num *e-mail* recebido ontem:

«Li em diversas fontes (que) em julho de 1986 a execução do Bundy foi suspensa apenas quinze minutos antes de se concretizar. E depois, de novo, em outubro, a execução foi suspensa apenas sete horas antes. Tais relatos são rigorosos ou apenas fruto da imprensa sensacionalista? E, igualmente importante, se o Ted Bundy tinha apenas quinze minutos ou sete horas de vida, porque apenas confessou em janeiro de 1989? Ter-lhe-ão os seus advogados afiançado que não seria executado? Porque esperou e não jogou esse trunfo em 1986? Como sabia que não seria executado então?»

Antes de mais, não estive a quinze minutos de ser executado em julho de 1986. Foram quinze *horas*. Estive a sete horas de morrer em novembro desse ano. Os seus advogados tinham apresentado dezoito recursos. Penso que começara a sentir-se invencível, a pensar que teria sempre outra oportunidade. Porém, não podia ter a certeza absoluta de que não se sentaria na cadeira elétrica em cada data estabelecida.

Arriscou e venceu de novo. Contudo, nem eu nem ninguém poderia dizer então, ou agora, o que ia na cabeça do Ted, o que nos leva à pergunta mais omnipresente de todas:

Na realidade, como era o Ted Bundy?

Não sei. Ele foi muitas coisas para pessoas diferentes. Foi ator, mentiroso, ladrão, assassino, intriguista, perseguidor, sedutor, inteligente, mas não brilhante, e condenado.

Creio que nem o próprio Ted sabia como era na *realidade*.

E agora, vamos à história de um homem chamado Ted Bundy — desde o início.

— ANN RULE, setembro de 2008

Prefácio

1980

Comecei a escrever este livro há meia dúzia de anos como uma obra completamente diferente. Era para ser uma crónica de uma repórter de crimes a dar conta de uma série de homicídios inexplicáveis de jovens bonitas. Pela sua natureza muito própria, devia ter sido distante, fruto de uma minuciosa investigação. Com certeza que a minha vida não faria parte do mesmo. Porém, o livro tornou-se numa obra intensamente pessoal, na história de uma amizade ímpar que, de alguma forma, transcendeu os factos produzidos pela minha investigação. Consoante os anos passaram, concluí que o desconhecido do remoinho da investigação policial afinal não era um desconhecido. Era meu amigo.

Escrever um livro sobre um suspeito anónimo é uma coisa. Escrever um livro sobre uma pessoa que conhecemos e prezámos durante dez anos é completamente diferente. Porém, foi precisamente isso que aconteceu. O meu contrato para a redação desta obra foi celebrado muitos meses antes de o Ted Bundy ser o principal suspeito em mais de uma dezena de casos de homicídio. O meu livro não iria ser sobre um nome sem rosto num jornal, sobre um desconhecido no meio de mais de um milhão de pessoas que vivem na área de Seattle. Iria ser sobre o meu amigo Ted Bundy.

Podíamos nunca nos ter conhecido. Em termos de lógica, estatística e demografia, as probabilidades de eu e o Ted Bundy nos conhecermos e nos tornarmos bons amigos são quase demasiado ínfimas para contemplar. Vivemos nos mesmos estados ao mesmo tempo — não uma, mas

muitas vezes —, mas a nossa diferença de dez anos impediu o nosso encontro durante muitos anos.

Quando nos conhecemos em 1971, eu era uma rechonchuda mãe de quatro filhos, com quase 35 anos, em processo de divórcio. O Ted era um finalista de Psicologia da Universidade de Washington, de 24 anos, brilhante e bem-parecido. O acaso fez de nós colegas na Linha de Apoio de Seattle, da qual éramos colaboradores no turno da noite às terças-feiras. A afinidade, uma afinidade quase imediata, potenciou a nossa amizade.

Eu era voluntária no atendimento telefónico e o Ted ganhava dois dólares à hora como trabalhador-estudante. Ele queria entrar em Direito e eu esperava que a minha carreira como escritora independente, na qual dava os primeiros passos, me providenciasse rendimentos suficientes para sustentar a família. Embora tivesse um bacharelato em Escrita Criativa da Universidade de Washington, pouco escrevera até 1968, quando passei a ser a correspondente da região noroeste da *True Detective Magazine* e de publicações do mesmo grupo, todas especializadas em reportagens de investigação criminal. A minha área de cobertura eram os crimes graves num território que se estendia entre Eugene, no Oregon, e a fronteira com o Canadá.

Revelou-se uma área para a qual eu tinha jeito. Na década de 50, fui agente da polícia em Seattle e a conjugação do meu interesse no cumprimento da lei com a minha formação em escrita deu frutos. Especializei-me em Psicopatologia na universidade e obtive formação adicional em Ciência Policial, o que me permitia escrever com determinada competência sobre os avanços da investigação criminal científica. Em 1980, já cobrira mais de 800 casos, sobretudo homicídios, abrangendo uma área até à costa noroeste, logrando a confiança de centenas de inspetores de homicídios, um dos quais me faria um elogio um tanto ou quanto inquietante: «Ann, és como um dos nossos rapazes.» Estou certa de que o nosso interesse mútuo na lei nos aproximou, a mim e ao Ted, e nos proporcionou temas de conversa do agrado de ambos, tal como o nosso interesse em psicopatologia. Porém, sempre pareceu haver algo mais, algo quase efêmero. Certa vez, o próprio Ted aludiu a isso numa carta enviada de uma cela prisional, uma das muitas que ocuparia.

«Disseste que foi o *karma*. Pode até ser. Mas seja qual for a força sobrenatural que guia os nossos destinos, aproximou-nos em algumas

situações que permitiram expandir a mente. Acredito que essa mão invisível nos servirá mais *Chablis* gelado em tempos menos perversos e mais tranquilos. Beijos, Ted.»

A carta data de 6 de março de 1976 e nunca mais estaríamos cara a cara fora das paredes de uma prisão ou de uma sala de audiências com segurança reforçada. Porém, perdura uma curiosa ligação.

Portanto, o Ted Bundy foi meu amigo, nos bons e nos maus momentos. Mantive-me firme perto dele durante muitos anos, com a esperança de que nenhuma das insinuações fosse verdadeira. Poucos compreenderão a minha decisão. Tenho a certeza de que muitos ficarão furiosos. Apesar de tudo, urge contar na íntegra a história do Ted Bundy, se algo bom pode advir dos terríveis anos entre 1974 e 1980.

Debati-me durante imenso tempo com a minha ambivalência em relação ao Ted. Enquanto escritora profissional, foi-me dada a história de uma vida, uma história que qualquer autor almeja. Provavelmente, nenhum outro escritor conhece tão bem todas as facetas da história do Ted. Não a procurei e foram muitas e longas as noites em que desejei com todas as forças que as coisas fossem diferentes, que *estivesse* a escrever sobre um absoluto desconhecido cujas esperanças e sonhos não fizessem parte dos meus. Desejei regressar a 1971 para apagar tudo o que aconteceu, para poder pensar no Ted como o homem franco e sorridente que conheci então.

O Ted sabe que estou a escrever este livro. Sempre soube e continuou a escrever-me e a telefonar-me. Suspeito de que sabe que tentarei apresentar o homem completo.

O Ted foi descrito como o filho perfeito, o aluno perfeito, o escoteiro que se tornou adulto, um génio, bem-parecido como as estrelas de cinema, uma luz a brilhar no futuro do Partido Republicano, um assistente social psiquiátrico sensível, um advogado em ascensão, um amigo de confiança, e um jovem cujo futuro apenas podia reservar o sucesso.

Ele é todas essas coisas e nenhuma delas.

O Ted Bundy não encaixa em padrão algum. Não é possível olhar para a ficha dele e dizer: «Está a ver, era inevitável que ele ficasse assim.»

Na realidade, era inconcebível.

— ANN RULE, 29 de janeiro de 1980

1

Ninguém olhou para o jovem que saiu do terminal de autocarros da Trailways Tallahassee, na Florida, na madrugada de domingo, dia 8 de janeiro de 1978. Parecia um estudante universitário, talvez um pouco mais velho, e misturou-se sem dificuldade com os 30 mil alunos que tinham chegado à capital da Florida nessa semana. Planeara para que assim fosse. Sentia-se à vontade com a atmosfera do *campus*, sentia-se em casa.

Na verdade, estava quase tão longe de casa quanto podia estar sem sair dos Estados Unidos. Também planeara isso, tal como planeara tudo. Consequira o impossível e agora começaria uma nova vida, com um novo nome, um passado fabricado e «roubado», e um padrão de comportamento completamente diferente. Desta forma, tinha a certeza de que o seu arrebatado sentido de liberdade perduraria para sempre.

No estado de Washington, ou no Utah, ou no Colorado, seria reconhecido de imediato até pelo mais desinteressado telespectador ou leitor de jornais, mas aqui, em Tallahassee, na Florida, era um anónimo, apenas outro jovem bem-parecido com um sorriso pronto.

Fora Theodore Robert Bundy, mas o Ted Bundy deixara de existir. Agora, era Chris Hagen. Seria assim até decidir quem queria ser a seguir.

Tivera frio durante tanto tempo. Frio no clima gelado de Glenwood Springs, no Colorado, quando saíra sem ser visto do Estabelecimento Prisional do Condado de Garfield. Frio no dia de Ano Novo quando se misturara na multidão num bar em Ann Arbor, no Michigan, a aplaudir enquanto assistia à transmissão televisiva de uma partida de futebol americano no Rose Bowl. Frio quando decidira rumar ao sul. Não importava para onde ia, desde que o sol fosse quente, o clima ameno e estivesse num *campus* universitário.

Porque escolhera Tallahassee? Mais do que tudo, fora um acaso. Em retrospectiva, percebe-se que, muitas vezes, são as escolhas casuais

que traçam o caminho para a tragédia. O Ted ficara fascinado com o *campus* da Universidade do Michigan e podia ter ficado por lá. Sobrara-lhe dinheiro suficiente da maquia que escondera na prisão para pagar os 12 dólares de um quarto na YMCA, mas as noites de janeiro no Michigan podem ser implacavelmente geladas e ele não tinha roupas quentes.

O Ted já tinha estado na Florida. Quando era um enérgico e jovem militante do Partido Republicano, recebeu uma viagem à convenção de 1968 em Miami como parte da sua recompensa. Porém, quando estudou minuciosamente os catálogos das universidades na Biblioteca da Universidade do Michigan, não estava a pensar em Miami.

Olhou para a Universidade da Florida em Gainesville e pô-la imediatamente de parte. Não havia água nos arredores de Gainesville, e conforme diria mais tarde:

— Não me pareceu bem no mapa. Superstição, creio.

Por outro lado, Tallahassee «pareceu bestial». Passara a maior parte da vida em Puget Sound, em Washington, e ansiava pela paisagem e pelo cheiro da água. Tallahassee localizava-se nas margens do rio Ochlockonee, que passava pela Apalachee Bay e desaguava na vastidão do Golfo do México.

Sabia que nunca mais poderia regressar a casa, mas os nomes indígenas da Florida, com os seus nomes de tribos do noroeste, faziam-lhe lembrar um pouco as cidades e os rios de Washington.

Tallahassee seria o seu destino.

Viajara confortavelmente até ao dia de Ano Novo. A primeira noite ao relento fora um pouco dura, mas a liberdade era quanto lhe bastava. Quando roubou um carro velho nas ruas de Glenwood Springs, sabia que poderia não conseguir percorrer o caminho coberto de neve até Aspen, mas não tinha muitas alternativas. O carro avariou a 50 km de Vail — 65 km de Aspen —, mas um bom samaritano ajudou-o a empurrá-lo para fora da estrada e deu-lhe uma boleia até Vail.

A partir daí, houve a viagem de autocarro até Denver, um táxi até ao aeroporto e um avião até Chicago, antes mesmo de darem pela falta dele. Não andava de comboio desde criança e gostara da viagem no comboio da Amtrak até Ann Arbor, tendo bebido os primeiros copos em dois anos no vagão-restaurante enquanto pensava nos seus algozes a procurar nos bancos de neve, que ficavam cada vez mais longe.

A HISTÓRIA POR DETRÁS DE TED BUNDY, UM DOS MAIS INFAMES ASSASSINOS EM SÉRIE DO SÉCULO XX

Ann Rule estava a trabalhar na reportagem mais importante da sua vida: a investigação de um assassino em série brutal. O que ela não sabia era que o homem que procurava era alguém que conhecia bem: Ted Bundy, o seu antigo colega na linha de apoio à prevenção do suicídio, onde haviam trabalhado lado a lado.

Bundy parecia ter tudo a seu favor: era bonito, carismático, inteligente e tinha um futuro brilhante pela frente. Licenciado em Psicologia e estudante de Direito, era admirado por muitos, bem-sucedido junto das mulheres e visto como alguém destinado ao sucesso. Por detrás dessa imagem, porém, escondia-se uma realidade inimaginável.

A 24 de janeiro de 1989, foi executado depois de confessar o homicídio de pelo menos 36 jovens mulheres. Esta é a história do seu poder de sedução e manipulação, da vida dupla que manteve durante anos, da sua compulsão sombria e do devastador rasto de destruição que deixou.

Um relato de uma proximidade desconcertante com o homem que viria a revelar-se um dos criminosos mais conhecidos do século. Íntimo e perturbador, um livro que põe em causa a ideia de que reconheceríamos um monstro se ele vivesse entre nós.

**«Provavelmente o livro de true crime
mais inquietante alguma vez publicado.»**

THE NEW YORKER



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-589-965-4



9 789895 899654